

O COTIDIANO DO LABORATÓRIO DE ARTES GRÁFICAS OSWALDO GOELDI, NA UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA

Liana M. Chaves – UFPB

RESUMO

O presente trabalho retrata o cotidiano do Laboratório de Artes Gráfica (LAG) da Universidade Federal da Paraíba. Relata experiências, práticas e procedimentos adotados, naquele espaço artístico-acadêmico, desde o ano de 2006, com relação à diminuição do uso do ácido nítrico como mordente para a gravação de imagens na gravura em metal. Diminuição que se deu pelo fato das matrizes em metal terem sido, quase que totalmente, substituídas por placas acrílicas, entre outros materiais.

Palavras-chave: gravura em metal, gravura não tóxica, matrizes alternativas.

ABSTRACT

This work retracts the quotidian of Laboratório de Artes Gráficas (LAG) of Universidade Federal da Paraíba. It relates experiences, practices and procedure that are done in that artistic-academic place since the year of 2006 with relation to the reduction of the uses of nitric acid, that is used to bite the metal to engrave the images in metal engraving. That diminution was done because the metal matrix had been substituted almost totally by acrylic plate and other materials.

A gravura e sua história

A gravura é a arte que traduz a luta do homem no domínio de superfícies, resultando em imagens que surgem das pedras, das lascas de madeiras, das chapas do metal. Responsável por um capítulo na História do ser humano que descobriu em cada época o instrumental para dominar os suportes mais diversos, a gravura segue a dança do tempo, tendo início na

China, no período anterior à era cristã, com a estampagem da seda, sendo utilizada inclusive na impressão tabular onde substituiu os livros medievais caligrafados.

Conhecida como a mãe da imprensa, devido à descoberta dos tipos móveis, teve importante participação na disseminação do conhecimento através do trabalho editorial no desenvolvimento das ciências e das artes.

Nesse longo caminho, a gravura renovou-se, acresceu-se de novos valores, participando dos novos processos gráficos, para beirar o século XXI como arte independente, podendo ser definida como arte do traçado, resultando de incisão em uma superfície (pedra, madeira, metal, couro, entre outros) de modo a permitir a prensagem, possibilitando múltiplos da imagem gravada.

Consideram-se gravura a xilogravura e a gravura em metal (água forte, água tinta, ponta seca, talho doce ou buril, maneira negra, verniz mole e outros tantos), processos esses que permitem a estampa da arte, caracterizando o mais real possível os processos artesanais de impressão da imagem gráfica, contribuindo desta forma para difundir essa milenar manifestação cultural, sendo nosso propósito produzir o conjugado conhecimento e pensar o que pretendemos representar. Alguns autores, não consideram a litografia, a serigrafia e a infogravura como gravura por não serem técnicas resultantes de incisões, apesar de permitirem o múltiplo da arte.

No Brasil, a xilogravura se desenvolveu como uma linguagem própria e peculiar devido às diversas influências adquiridas, pois, com precisão, mesclou o rigor formal do traço indígena à expressividade da cultura negra, à refinada estética européia e à agressividade do expressionismo alemão, se tornando uma das maiores manifestações plásticas de tradição no país. Sendo uma arte gravada, possui tradição de qualidade e criatividade com repercussão internacional, impondo-se como uma das melhores do mundo. Muitos artistas têm optado pela gravura como meio de expressão, tornando o Brasil um centro de grandes educadores e excepcionais mestres das mais diversas técnicas de impressão.

Consciente do nosso papel e preocupados com uma ação educativa séria em que o processo de educar é fundamentado no conhecer e fazer, indicando a perfeita fusão do espírito científico e a expressão criadora é que no nosso trabalho o processo de criação parte do contexto da nossa realidade. Isso prova que para a ação da arte-educação, os entraves econômicos são meros desafios capazes de tirar da realidade circundante os instrumentos construtivos da sua expressão. Sendo assim, gravamos em suportes mais acessíveis, deselitizando o fazer pictórico e motivando e incentivando a produção da arte.

Procuramos apurar a qualidade técnica e a expressão artística dos trabalhos, prática que não deve se restringir apenas aos professores e artistas, mas a qualquer pessoa no seu fazer criador, a fim de serem apresentados melhores resultados plásticos. Assim, nossa intenção é a de despertar no aluno a curiosidade para criação, relembrar os trabalhos dos nossos antepassados desde as gravuras nas cavernas, e a evolução desta arte até hoje.

O LAG e as novas pesquisas experimentais

Fundado em março de 1993, o LAG, Laboratório de Artes Gráficas Oswaldo Goeldi (Centro de Comunicação, Turismo e Artes da Universidade Federal da Paraíba), é o espaço que desenvolvemos atividades referentes à gravura. Desde o inicio das atividades, trabalhamos com diversos modos e procedimentos, experimentando novos materiais, utilizados com a finalidade de realizar gravações de várias modalidades de gravura, bem como de novas maneiras e técnicas. Nossa grupo é composto de duas professoras, Liana Chaves e Lívia Marques e dos alunos que participam das disciplinas da graduação dos cursos de Licenciatura em Artes Visuais e Arquitetura e Urbanismo nas disciplinas de Gravura I e II e dos cursos de Extensão de Gravura em Metal e Estamparia em Tecido. Os trabalhos produzidos se apresentam em diferentes técnicas – papelogravura, linoleogravura, xilogravura e gravura em metal e mistas, expostos em diferentes suportes como o papel, couro, tecido, etc. a partir de matrizes em papelão, linóleo, madeira e metal.

Nossas experiências mais recentes, desde o ano de 2006, são a utilização de placas em acrílico como base para a gravação da imagem na

gravura em ‘metal’. São procedimentos que não agridem a saúde do gravador nem o meio ambiente. Entendemos que devemos nos preservar, tentando ao máximo nos ‘livrar’ dos efeitos que o ácido nítrico provoca. Assim, acompanhando alguns processos em desenvolvimento por outros artistas-professores, contribuímos acrescentando nossos modos de fazer, adequados à nossa realidade, além de nos preservar uma vez que utilizamos materiais alternativos onde incorporamos princípios de sustentabilidade no ensino e fazer da gravura.

As vantagens da ‘gravura em metal’ com matriz acrílica

Tradicionalmente, as práticas da gravura são extremamente tóxicas podendo provocar riscos à saúde do artista que grava e também ao meio ambiente uma vez que os produtos geralmente utilizados nos ateliês ou laboratórios de gravura causam gases tóxicos, muitos deles são sabidamente cancerígenos. A intoxicação pode ocorrer tanto pelo contato com a pele como pela inalação dos gases, sendo importante o conhecimento dos riscos para que sejam tomadas as precauções necessárias, pois ainda hoje, são praticados as técnicas e procedimentos utilizados no Século XV.

As vantagens do uso desse material, que se torna alternativo a substituição das técnicas tradicionais é que primeiramente, a transparência do acrílico permite que o artista faça anteriormente o desenho e trabalhe sobre o mesmo com maior perfeição. Outro, é que no acrílico é fácil de desenhar através da técnica de ponta seca. Os trabalhos podem ser mais planejados, não deixando muito ao acaso do ácido, apesar de muitos artistas gostarem de trabalhar com o ácido no latão e sua interferência inesperada lhes agradarem visualmente. Outra, é que na matriz de acrílico, não há necessidade do contato com produtos químicos fortes, uma vez que o uso do ácido, para trabalhar ou corroer a matriz, é completamente dispensável. E finalmente, quanto à limpeza da placa acrílica, essa deverá ser feita com óleo mineral ao invés de solventes que são altamente tóxicos.

Com a escolha por esses materiais, procuramos eliminar os danos à nossa saúde e dos alunos e artistas que utilizam o Laboratório. Dessa maneira, os métodos alternativos que utilizamos no processo não tóxico, para a gravação da imagem com matrizes que não são em metal, nos permite afirmar

que anulamos a agressividade do material outrora bastante prejudicial tanto ao gravador como ao meio ambiente e constatar ser possível manter e melhorar a qualidade das gravuras incorporando princípios de sustentabilidade na sua produção final.

Uma dos nossos objetivos é conscientizar essas pessoas para a melhor utilização dos materiais tóxicos que ainda poderão ser usados, a forma e os cuidados no seu manuseio para que minimizem as agressões que eles causam tanto à saúde de quem os utiliza quanto ao meio ambiente.

Considerações finais

A gravura, em toda sua trajetória, sempre acompanhou a evolução do homem, e desde o seu aparecimento é usada como veículo de multiplicação e reprodução de imagens, ideias e conhecimento. Pertencendo a um gênero popular, tem como característica ser mais democrática pelo fato de poder ser reproduzida diversas vezes sem maiores custos, e por isso, tem menor valor em relação às outras técnicas, resultando na queda do seu preço.

Na gravura, arte e técnica sempre andaram juntas. Existem três ramos distintos: o tipográfico, o talhado e o litográfico; e até hoje, no quesito gravura em metal repetimos as mesmas técnicas, os mesmos procedimentos que os artistas praticavam no século XV, aliados evidentemente, a outros métodos e técnicas. Não somos contra o gravar naqueles modos ou maneiras, mas, é necessário uma reformulação, uma atualização, inclusive porque nosso desafio, como mulher, mãe, professora, artista, gravadora, etc., é procurar mudar, rever nossos paradigmas, melhorar nossas práticas cotidianas em experimentar novos procedimentos, novos materiais e processos alternativos, verificando possibilidades de executar gravação de gravuras, que não agridam o meio ambiente e defendendo nossa saúde de materiais pesados e tóxicos.

São consideradas recentes as pesquisas com materiais alternativos para a gravura ‘politicamente correta’, entretanto, apesar de poucas já temos algumas bastante consolidadas. No Canadá, desde 1986, Keith Howard desenvolve mais benefícios para a saúde aplicados à gravura em metal. Pesquisas como as de Eva Figueras Ferrer na Universidade de Barcelona desde 2004; experimentações feitas em Pernambuco por Sebastião Pedrosa, que sugere a substituição dos materiais tóxicos pelos polímeros acrílicos, como inovação da gravura em metal,

fundamentando-se nas experiências de ateliês na Escócia, especialmente em Edimburgo, desde 1994; experimentos como os de Ângela Pohlmann, na Universidade Federal de Pelotas (RS); a nossa, desde o ano de 2009, na Universidade Federal da Paraíba; entre outros.

Assim, a gravura contemporânea tenta romper suas amarras inaugurando um singular e novo olhar. Ela se compõe de várias experiências, passagens, provas de artista, de estado, única, prova de cor, formas, melados, aveludados, imagens que apenas o universo da gravura provoca. São tantas complexidades nos seus processos que não podemos concluir, fechar ou colocar pontos finais.

Nosso intuito neste relato é provar a partir de nossas experiências que podemos contribuir com novas maneiras e alternativas menos tóxicas para o artista-gravador e o meio ambiente, desejando que outros se debrucem em posteriores pesquisas sobre o tema, não como um fim em si mesmo, mas como um meio para a realização poética de quem se dispõe a prática desta arte. Portanto, o que até agora fizemos ou conseguimos é o resultado entre o que sonhamos e o que podemos realizar.

REFERÊNCIAS:

- AZEVEDO, Paola C. A. **Gravura em Luz: uma possibilidade holística da calcogravura e a holografia.** Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Artes da Universidade Estadual de Campinas. Campinas: 2007.
- BUTI, Marco e LETÍCIA, Anna (org.). **Gravura em Metal.** Edusp e Imprensa Oficial de SP. São Paulo: 2002.
- CHAVES, Liana M. **Gravura – estampa da arte.** João Pessoa: Editora Universitária da UFPB. (série sala de aula, 3^a reimpressão) 2004.
- CLÍMACO, José C. T. de S. **A gravura em matrizes de plástico.** Goiânia: Editora UFG, 2004.
- DASILVA, Orlando. **A Arte Maior da Gravura.** Rio de Janeiro: Espade, 1976.
- FERREIRA, Liliana L. **Membranas:** a experiência na gravura e seus processos. Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em Artes da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte: 2006.
- HERSKOVITS, Anico – **Xilogravura – Arte e Técnica.** Porto Alegre. Tchê!. 1986.
- Introdução ao conhecimento da Gravura em Metal.** Funarte. Rio de Janeiro. 1981.

MARTINS, Itajahy. **Gravura – Arte e Técnica**. São Paulo: Fundação Nestlé de Cultura. 1987.

PEDROSA, Sebastião G. **Os polímeros acrílicos como substituto de materiais tóxicos na gravura em metal**. Disponível em www.scribd.com/doc/.../GRAVURA-caderno1 - Acesso em 27 JAN 2010.

POHLMANN, Angela. **Gravura não-tóxica**: uma experiência no ateliê de gravura em metal da Universidade (UFPel). 18º Encontro da ANPAP. Salvador: 2009.

SANTTOS, Márcia. **A gravura como expressão plástica: um estudo da aplicabilidade do acetato como suporte de gravura em côncavo**. Cadernos de gravura – 01 MAI 2003. Ou em:

www.iar.unicamp.br/cpgravura/cadernosdegravura/downloads/GRAVURA_1_maio_2003_parte_2.pdf Acesso em 27 JAN 2010.

***Liana M. Chaves**

Professora do Departamento de Artes Visuais da Universidade Federal da Paraíba. Doutoranda em Urbanismo no programa Inter Institucional entre UFBA/UFPB. Arte-educadora (1979 - UFPB), Arquiteta (1983 - UFPB) e Mestra em Serviço Social (2007 - UFPB). Contato: lianachaves.pb@gmail.com